



## QUEM TEM MEDO DA COR ROSA? EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS

¿QUIÉN TIENE MIEDO AL COLOR ROSA?  
EDUCACIÓN DE NIÑOS Y NIÑAS

WHO'S AFRAID OF THE COLOR PINK?  
EDUCATION OF BOYS AND GIRLS

João Paulo Baliscei  
Universidade Estadual de Maringá - UEM  
jpbaliscei@uem.br

**Resumo:** Socialmente, é comum que se recorram às cores para caracterizar e distinguir meninos e meninas. Isso ocorre, inclusive, em espaços escolares, onde a educação está em disputa e as cruzadas e resistências desse tema perpassam, dentre tantos elementos, as cores. Quem tem medo do rosa, e por que o tem? Este artigo, metodologicamente bibliográfico, tem como objetivo investigar as relações de gênero propostas aos meninos e meninas, em âmbitos educativos e escolares, a partir da cor rosa. Para alcançá-lo, apresentam-se dois tópicos. No primeiro, debruça-se sobre pesquisas dos Estudos Culturais que verificam como, em contextos escolares da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, meninos e meninas se relacionam com a cor rosa. No segundo, explica-se a relação pejorativa que se tem feito entre cor rosa e homossexualidade, referindo-se ao sistema de identificação adotado pelo nazismo alemão, e exemplificando como ele ainda aparece em situações cotidianas. Por fim, analisa-se que há uma associação duplamente negativa em relação a cor rosa e sublinho os prejuízos que, desde a educação, isso acarreta ao desenvolvimento das crianças.

**Palavras-chave:** Educação. Gênero. Masculinidade.

**Resumen:** Socialmente, es común recurrir a los colores para caracterizar y distinguir a niños y niñas. Esto ocurre incluso en los espacios escolares, donde resulta que la educación está en disputa y las cruzadas y resistencias a este tema, impregnan, entre muchos elementos, los colores. ¿Quién le teme al rosa y por qué? Este artículo, metodológicamente bibliográfico, tiene como objetivo investigar las relaciones de género propuestas a niños y niñas, en ambientes educativos y escolares, a partir del color rosa. Para lograrlo, se presentan dos temas. En el primero, se centra en una investigación en Estudios Culturales que comprueba cómo, en contextos escolares de Educación Infantil y Educación Primaria, los niños y niñas se relacionan con el color rosa. En el segundo, se explica la relación pejorativa que se ha hecho entre el color rosa y la homosexualidad, haciendo referencia al sistema de identificación adoptado por el nazismo alemán, y ejemplificando cómo aún aparece en situaciones cotidianas. Finalmente, se analiza que existe una asociación doblemente negativa en relación al color rosa y destaco el daño que, desde la educación, este ocasiona al desarrollo de los niños.

**Palabras clave:** Educación. Género. Masculinidad.



**Abstract:** Socially, it is common to resort to colors to characterize and distinguish boys and girls. This even occurs in school spaces, where, it turns out, education is in dispute and the crusades and resistance to this theme, permeate, among many elements, the colors. Who is afraid of pink, and why? This article, methodologically bibliographic, aims to investigate the gender relations proposed to boys and girls, in educational and school environments, from the color pink. To achieve this, two topics are presented. In the first, it focuses on research in Cultural Studies that verifies how, in school contexts of Early Childhood Education and Elementary Education, boys and girls relate to the color pink. In the second, the pejorative relationship that has been made between the color pink and homosexuality is explained, referring to the identification system adopted by German Nazism, and exemplifying how it still appears in everyday situations. Finally, it is analyzed that there is a doubly negative association in relation to the color pink and I emphasize the damage that, from education, this causes to the development of children.

**Keywords:** Education. Gender. Masculinity.

## Introdução

“Roooooosa, João”.

Maisa da Silva, Programa Bom Dia & Cia, 2009

A epígrafe deste artigo se remete a um episódio de 2009, quando a apresentadora brasileira, Maisa da Silva (2002--), na época, com sete anos, em um programa televisivo reagiu à escolha que um menino telespectador fez pela cor rosa (PORTAL T5, 2019). Um vídeo de poucos segundos mostra a apresentadora conversando com o menino pelo telefone. Ele se apresenta como João Pedro e informa ter sete anos. Quando ela, conduzindo a brincadeira, pede para que João escolha uma bexiga – ou a azul, ou a amarela ou a rosa -, e ele se decide pela última, Maisa, por reflexo, exclama: “Roooooosa, João”, com um sorriso debochado. O tom que ela atribui à palavra “rosa”, prolongando sua pronúncia de uma maneira peculiar, é bastante conhecido por mim e por outros tantos meninos que, durante a infância, foram identificados como “femininos demais”. No vídeo, ainda, a fala de Maisa é acompanhada por efeitos sonoros de risadas, reforçando o aspecto cômico que ela inicialmente atribuíra à escolha de João, um menino, pela bexiga rosa. Em seguida, ela pergunta mais duas vezes ao telespectador quanto à escolha dele, como se precisasse se certificar disso. Quando ele confirma, a apresentadora assume o mesmo tom de antes e conclui “Tá boooooom, querido”.

Reporto-me a essa ocasião não para elucidar os aspectos homofóbicos na fala da apresentadora, mas para indicar o modo como, mesmo entre sujeitos tão novos, a cor rosa é, categoricamente, classificada como uma cor “de meninas” e, mais do que isso, que de-



têm aspectos “feminilizante” – já que, a partir dela, é possível zombar de certos meninos que não se mostram “masculinos” do modo como se espera socialmente. Assim, nesse caso, importo-me menos em conjecturar a fala da criança apresentadora como homofóbica, e mais em advertir que, para além do menino João, ela também é vítima de uma sociedade que ensina os sujeitos, desde muito cedo, a reproduzirem a homofobia. No caso específico de Maisa, registros mais contemporâneos mostram que ela pôde se informar quanto ao tema e subverter aquilo que lhe fora ensinado: em 2019, por exemplo, em um outro programa, ela alertou o apresentador Silvio Santos (1930--) de que a palavra “bicha” era “uma designação muito antiga e inadequada para [se referir] a homossexuais masculinos” (HYPENESS, 2019) e, no ano seguinte, conversou com João Pedro, pedindo-lhe desculpas pelo ocorrido há dez anos. Pergunto-me quanto às demais crianças, também ensinadas a partir dessa mesma lógica que Maisa, se elas também tiveram as mesmas oportunidades que a apresentadora teve para se informar e se reinventar.

Não me interessa, aqui, propriamente discutir sobre os processos históricos, culturais, políticos e artísticos que, paulatinamente, foram associando a cor rosa à feminilidade e afastando os sujeitos masculinos desse elemento visual. Essa preocupação foi enfrentada em outras pesquisas (BALISCEI, 2020b; 2021), nas quais lancei-me a perguntar como as cores azul e rosa se estabeleceram como “cor de menino” e “cor de menina”, respectivamente. Aqui, são outras as questões que me mobilizam.

Quem tem medo da cor rosa? – pergunto, já no título desta reflexão que se propõe a investigar as relações de gênero operantes na educação de meninos e meninas. A brasileira Ana Paula Passarelli (2018) destaca que, no início dos anos 2000, a cor rosa – que, por todo o século XX, em muitos países, fora insistentemente associada ao feminino – foi, aos poucos, sendo aproximada da masculinidade, sobretudo na moda. Contudo, explica que essa aproximação é bastante tímida. A cautela e o medo que meninos e homens manifestam pela cor rosa têm relação com a incerteza, por parte da sociedade, sobre os “perigos” que eles podem vir a desempenhar caso sejam considerados “femininos”. Conforme a autora, em muitos dos casos, a utilização da cor rosa leva “[...] ao questionamento da sexualidade daquele que faz uso da cor e não seja uma mulher” (PASSARELLI, 2018, p. 21). Essa assertiva, de abordagem científica, coincide com situações e saberes advindos do senso comum, os quais, considero, precisam ser questionados.

Alguns desses saberes demonstram que os meninos que optam pela cor rosa são aproximados do que, socialmente, é tido como feminino e, como consequência, têm suas masculinidades e sexualidades colocadas em xeque – como no episódio apresentado des-



de a epígrafe deste artigo. Outros casos indicam que, com medo desses tipos de acusações, os meninos evitam se aproximar dessa cor ou mesmo de formas, padrões, estampas e demais aspectos da cultura visual que são atribuídos ao feminino. Nesta introdução, tendo em vista elementos do cotidiano e o estudo acadêmico de Passarelli (2018), parto do princípio de que a masculinidade e a sexualidade (em especial, aqui, a heterossexualidade) precisam ser reincidentemente protegidas para atenderem àquilo que se esperam dos meninos desde os seus primeiros anos de vida.

Mesmo que, mais recentemente, a cor rosa tenha sido reaproximada da masculinidade no campo da moda (PASSARELLI, 2018), diante de outras pesquisas realizadas por mim a partir dos Estudos das Masculinidades - nas quais argumento que o machismo oprime também os homens que não correspondem ao ideal hegemônico de masculinidade (BALISCEI, 2020a) - é provável que, em uma sociedade homofóbica, um adulto ou mesmo um menino que use uma camisa, mochila ou acessório na cor rosa tenha seu gênero e sexualidade questionados. A isso acrescento que, mesmo quando a cor rosa é utilizada de modo político e reivindicatório por homens adultos em eventos públicos, evidencia-se que a cor tem mais relação com pautas afetas às mulheres do que com as masculinidades deles. Em 2020, por exemplo, dois times brasileiros de futebol, o Internacional (GLOBO, 2020) e o Athletico Paranaense (BEM PARANÁ, 2020), lançaram uma camiseta rosa em apoio à campanha Outubro Rosa. Em 2021, semelhantemente, os goleiros de outro time, o União Recreativa dos Trabalhadores (HOJE EM DIA, 2021), usaram camisetas rosa em denúncia à violência contra as mulheres. Há, ainda, outros exemplos em que homens se vinculam ao rosa respondendo a desafios ou apostas lançados por seus amigos, como no *Super Bowl* de 2021, quando um homem invadiu o gramado usando um maiô dessa cor (UOL, 2021). Esses acontecimentos coincidem com a análise feita pela estadunidense Jo Paoletti (2012) quando argumenta que o medo e o repúdio que os homens manifestam pelo rosa impulsionam alguns deles a se utilizarem dessa cor para zombar e rir de suas próprias masculinidades.

Mais, então, afinal, quem gosta do rosa? Para responder a essa pergunta, recorro aos estudos da alemã Eva Heller (2013), quem, em uma pesquisa envolvendo 2 mil homens e mulheres da Alemanha, entre 14 e 97 anos, identifica que 3% das mulheres entrevistadas mencionaram o rosa como sua cor predileta. Das respostas dadas pelos homens, em contrapartida, nenhum deles mencionou o rosa como sua cor favorita. A autora detalha, inclusive, que a maioria dos homens “[...] chega a se recusar a conhecer essa cor, [e que] alegam não saber distinguir entre o cor-de-rosa e o lilás, como se em seu olhar masculino



não houvesse como perceber a diferença entre essas duas cores” (HELLER, 2013, p. 397). Não satisfeito em perguntar sobre “quem gosta do rosa?”, - agora sim – lanço as perguntas que me interessam mais nesta reflexão: “quem tem medo do rosa?” e “por que o tem?”.

Para oferecer respostas a essas perguntas, compartilho este artigo de caráter bibliográfico cujo objetivo é investigar as relações de gênero propostas aos meninos e meninas, em âmbitos educativos e escolares, a partir da cor rosa. Para alcançá-lo, apresento o desenvolvimento a partir de dois tópicos. No primeiro deles, debruço-me sobre pesquisas já realizadas por autores/as dos Estudos Culturais, Cultura Visual e Estudos de Gênero, que verificam como, em contextos escolares da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, meninos e meninas se relacionam com a cor rosa. Demonstro, assim, que tais espaços acionam e produzem não só uma tradição pedagógica, mas uma cultura visual que, em vez de problematizar os estereótipos de masculinidade e de feminilidade já ofertados às crianças por outras instâncias, prestam-lhe considerável cumplicidade. No segundo, explico a relação pejorativa que se tem feito entre a cor rosa e a homossexualidade, referindo-me, especificamente, ao sistema de identificação adotado pelo nazismo alemão. Nesse tópico, ainda, dou visibilidade a episódios mais contemporâneos e vivenciados no Brasil, quando a cor rosa fora aproximada à homossexualidade de modo jocoso. Por fim, analiso que, nesses e em outros casos, há uma associação duplamente negativa, a partir da qual, primeiro, vincula-se o rosa à homossexualidade; e depois (e mais grave para mim), vincula-se a homossexualidade à abjeção – como se, diferentemente da heterossexualidade, ela fosse repudiável.

### **Meninos não usam rosa: escola e projetos de masculinização e feminilização**

Aquilo que aqui e em outras pesquisas tenho me referido como projeto de masculinização dos meninos pode ser explicado como o conjunto de ações que os incentiva, desde a infância, a assumir posturas e a desenvolver habilidades para que, aos poucos, sejam aproximados daquilo que se espera de um homem, numa perspectiva hegemônica dessa identidade de gênero. Muitas das ações do projeto de masculinização têm os espaços escolares como pano de fundo e recorrem a imagens, gestos, brincadeiras, esportes e cores para tentar revelar a feminilidade que os meninos evitam mostrar. Recordo-me, por exemplo, de episódios da minha infância e adolescência, vividas na década de 1990 e nos anos 2000, em uma cidade paranaense, quando eu frequentava as séries intermediárias da Educação Básica e fui ensinado não só a evitar o número 24, como a zombar dos meninos



que se aproximam dele.

À época, no início dos anos letivos, muitos de meus amigos meninos permaneciam ansiosos e temerosos à chamada, com receio de que, na lista de alunos e alunas, eles ocupassem exatamente a posição 24<sup>1</sup>. Eu não compartilhava tão intensamente dessa preocupação - não tanto por que eu não tivesse medo de ser identificado como feminino, mas mais porque, em virtude de a primeira letra de meu nome ser o “J”, quando éramos organizados a partir da ordem alfabética, eu costumava ocupar posições anteriores a essa. Apesar disso, lembro-me de que, em todos os anos, quando a chamada era feita pela primeira vez, entre os meninos que ocupavam as salas de aulas, era compartilhado um sentimento agri-doce: por um lado, havia o medo de ter seu nome e identidade associados ao número 24; por outro, havia expectativas de que um outro menino fosse identificado por esse número. Reclamávamos, inclusive, quando o número era destinado a uma menina – parecia ser injusto ou um desperdício para a nossa expectativa de zombar de alguém. Em contrapartida, quando a um menino era destinado esse número, ele era sentenciado a – todos os dias, por pelo menos um ano – ter sua masculinidade e (heteros)sexualidade questionadas.

Um caso recente me fez recordar dessa prática recorrente em minha infância. Em 2019, li uma notícia (G1, 2019) sobre Marcelino D’Almeida (1949--) - um homem adulto, de 70 anos e à época vereador do Rio de Janeiro. Ele se recusou, por duas vezes, a dar seu voto em uma seção. Por problemas técnicos dos equipamentos, a votação precisou ser feita nominalmente e o número 24 fora atribuído a ele. Então, por duas vezes, depois de 23 votos, o vereador - o 24 - recusou-se a votar. Outra notícia mais recente (MIGALHAS, 2023), mostra que o número 24 também é evitado entre jogadores e times de futebol, como o Clube de Regatas Flamengo que, em 2022, se inscreveu para a Copa São Paulo de Futebol Júnior 2022 sem a numeração 24. Dados indicam que, dos 128 times inscritos na Copa São Paulo de Futebol, apenas 34 deles vestem a camisa número 24 (ESTADO DE MINAS, 2023). Interessante observar que, nesse campeonato, cada equipe pode inscrever até 30 jogadores, o que, por hipótese, contemplaria o número 24.

Para além do número 24, há outros marcadores visuais de feminilidade que, com diferentes intensidades conforme a cultura em que se inserem, são negados e temidos pelos homens, como usar brinco, ter cabelo longo, rebolar, apoiar as mãos na cintura e articular os pulsos. Todos eles, considero, vinculam-se com o projeto de masculinização dos meni-

<sup>1</sup> A associação pejorativa que, no Brasil, tem sido feita entre o número 24 e a homossexualidade masculina guarda relação com o Jogo do Bicho (uma prática de apostas que, apesar de ilegal, é bastante popular no país). Nesse jogo, o veado é identificado pelo número 24. E isso se trata, inclusive, de um equívoco – do qual os motivos desconheço –, pois, segundo a ordem alfabética, seria a vaca, e não veado a ocupar o número 24. Há, ainda, explicações que atribuem essa associação à sonoridade do número 24, que se assemelha à expressão “vim de quatro”.



nos. Para além de minhas experiências imediatas e de notícias contemporâneas, pesquisas realizadas a partir dos Estudos de Gênero e Estudos das Masculinidades têm indicado, sob abordagens e critérios científicos, os modos como as masculinidades são construídas.

O estadunidense Michael Kimmel (1997), por exemplo, de modo análogo aos exemplos supracitados, explica que, em sua adolescência, ele e outros meninos realizavam uma brincadeira para vigiar suas masculinidades. Eles pediam aos garotos para que olhassem para as suas próprias unhas e, a partir do movimento que assumiam para realizar tal ação, constatava-se a “veracidade” ou a “falha” nas suas masculinidades. Se os meninos dobrassem os dedos sobre a palma da mão eram considerados “legítimos” machos. Agora, se esticassem o braço articulando a munheca, não eram considerados tão homens assim.

A isso, apromimo também pesquisas brasileiras, como as de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2020) e, mais recentemente, as de Kléber Neves Marques Júnior (2022). Oliveira expõe sobre as dificuldades que ela vivera na escola, também em uma cidade paranaense, quando ainda era identificada como um menino cisgênero e afeminado<sup>2</sup>. Ela relata que, em sua vida escolar, precisou controlar as maneiras como corria, balançava a cabeça e gesticulava os braços, ajustando-as àquilo que os/as adultos e as demais crianças esperavam dela, enquanto um menino. Precisou, também, calibrar o tom e a intensidade aplicadas à sua voz e pensar em alternativas – como chegar mais cedo e ir embora mais tarde – para que seu corpo e sua presença transgressores não fossem percebidos. Durante o Ensino Fundamental, ela chegou a pensar que, por ser uma aluna cuja inteligência e boas notas se destacavam, seria tratada com camaradagem pelos/as colegas e professores/as. Contudo, nas palavras da autora, isso, ao contrário, levou “[...] alguns estudantes, que antes apenas evitavam minha companhia, a falar abertamente o que pensavam a respeito da cor da minha pele, do meu cabelo e dos meus trejeitos considerados inadequados para alguém do sexo masculino” (OLIVEIRA, 2020, p. 32). Os relatos da autora reiteram que crianças que não se enquadram às regras dos projetos de masculinização dos meninos e de feminilização das meninas têm uma infância diferente das demais, inclusive nos espaços escolares. Para sobreviverem, precisam desenvolver outras habilidades e inteligências.

Semelhantemente, Júnior (2022) pontua episódios de sua infância e adolescência que demonstram as violências que agrediram seu corpo e identidade nos espaços escolares do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Dentre eles, destaco o relato do autor sobre quando, com cinco anos de idade, ouviu, pela primeira vez, a palavra “bicha”.

---

<sup>2</sup> Ainda que, durante a infância, a autora tenha sido socializada como um menino, em respeito à sua identidade de gênero, neste texto, refiro-me a ela sempre no feminino.



[...] antes da palavra ser dita, eu começava a perceber os sorrisos quando passava pelos corredores, assim como quando me apresentava durante a chamada nas aulas. Alguns/algumas colegas chegavam a imitar de modo jocoso a tonalidade de minha voz e minhas expressões corporais. Eu estava virando uma caricatura. Nas semanas seguintes, perderam qualquer receio, e “bicha” passou de um adjetivo para meu próprio nome [...]. Começou na minha turma e depois se espalhou por toda a escola, sobretudo, entre os meninos: Bicha! Bicha! Bicha! Eu era o corpo estranho, e agora, todos/as sabiam que ali estudava uma bicha. Meu corpo estava sendo vulgarizado e tendo uma representação que, por mim mesmo, nunca antes havia sido atribuída. A partir dali, eu soube que minha permanência na escola seria perpassada por dor e violência (JÚNIOR, 2022, p.17 e 18).

Dentre os elementos da estética feminilizante que - conforme o projeto de masculinização dos meninos precisam ser evitados por eles também nos espaços escolares e educativos - há um que inegavelmente se destaca: a cor rosa. Dedico este tópico, portanto, a verificar como, nesses espaços, meninos e meninas se relacionam com essa cor.

A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) (BRASIL, 2018) – um documento normativo que oferece, em âmbito nacional, aprendizagens essenciais que os/as alunos/as precisam desenvolver em suas vivências com a Educação Básica – faz consideráveis recomendações quanto aos usos e conhecimentos que os/as professores/as precisam ensinar em relação às cores. Nas diretrizes direcionadas à Educação Infantil, por exemplo, a BNCC determina que é um direito de aprendizagem e desenvolvimento da criança explorar as cores e se expressar como sujeito criativo. O documento elenca cinco campos de experiências a partir dos quais os/as professores/as devem desenvolver as atividades sendo, um deles, denominado como “Traços, Sons, Cores e Formas”. Nele, dos nove objetivos de aprendizagem e desenvolvimento demarcados, três<sup>3</sup> se relacionam diretamente com o uso das cores. Na BNCC, há, ainda, outros dois campos de experiência que delimitam objetivos de aprendizagem e desenvolvimento<sup>4</sup> associados à necessidade de as crianças perceberem e interagirem com as cores.

Com esses exemplos da Educação Infantil, demonstro que a BNCC (BRASIL, 2018) atribui significativa importância às cores para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Contudo, não há, no documento, uma única menção a maneiras estratégicas e deterministas para se utilizar das cores. Por exemplo, não se atribui exclusivamente a um grupo de crianças o uso de uma cor, como se essa cor fosse “só delas”. Tampouco se proíbe que algumas crianças acessem e experimentem algumas cores específicas. Além disso, não

---

3 Como fica evidente, por exemplo, em: “Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando *cores*, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais” (BRASIL, 2018, p. 48, *grifos meus*).

4 Como fica evidente, por exemplo em: “Explorar e descobrir as propriedades de objetos e materiais (odor, *cor*, sabor, temperatura)” (BRASIL, 2018, p. 51, *grifos meus*), referente ao campo de experiência “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.





encontrei nenhuma menção que categorize as cores, dividindo-as por gênero. Apesar de não haver atribuições generificadas para as cores nesse documento que tem como objetivo conferir normas à Educação Básica brasileira, pesquisas desenvolvidas a partir dos Estudos Culturais, Cultura Visual e Estudos de Gênero apontam que o medo e o repúdio que os meninos são ensinados a manifestar pela cor rosa não só são evidentes nos espaços educativos, como também são incentivados e ensinados a partir das intervenções feitas por adultos/as. Os estudos realizados pelas brasileiras Susana Rangel Vieira da Cunha (2010; 2011; 2014), Bianca Salazar Guizzo (2013), Márcia Gobbi (2015) Luciana Borre (2010) e Luciana Borre e Raimundo Martins (2017) me oferecem pistas de que os projetos de masculinização e feminilização das crianças têm operado nesses espaços, e de que eles têm sido eficientes.

Em uma pesquisa realizada na Educação Infantil, com crianças de até seis anos, Cunha (2010) pediu que elas separassem um conjunto de artefatos entre o que era considerado “de menino”, “de menina”, e o que poderia ser dos dois. Relata que “[...] durante esta atividade, surgiu a palavra gay. Uma menina disse que se um menino usasse a mochila rosa, da Barbie, ele seria diferente, um gay” (CUNHA, 2010, p. 18). Guizzo (2014, p. 33) encontra resultados semelhantes em uma conversa com outro grupo da Educação Infantil. Quando a um garoto fora perguntado sobre as possibilidades cromáticas das roupas de meninos, ele respondeu “Só se não fosse rosa... rosa é de bicha, é de mulher”. As palavras bicha, gay, “mulherzinha”, boiola e outros derivados aparecem nessas pesquisas sendo acionadas pelas próprias crianças para se referirem aos meninos que parecem não cumprir, com exatidão, o regulamento que acompanha o projeto de masculinização.

Cunha (2011) se debruça sobre estudos que indicam que as crianças, já na Educação Infantil, reproduzem falas e preferências generificadas. Diante deles, ela conclui que, se um menino ultrapassar as fronteiras e fizer uso de algo de cor rosa, provavelmente receberá das/os professoras/as e das demais crianças um olhar de questionamento em relação a sua masculinidade e heterossexualidade. A pesquisadora e suas orientandas relataram, em diários de campo, um momento em que um estojo rosa sobre a mesa provocou o afastamento de meninos que buscaram, então, outro lugar para permanecerem. Aquilo que aqui tenho chamado de projetos de masculinização dos meninos e de feminilização das meninas aparece nas análises que a autora faz dos brinquedos, roupas e cultura visual da Educação Infantil. Em um terceiro estudo, Cunha (2014) considera que, na Educação Infantil, tais artefatos operam como totens – como espécies de entidades sagradas, aos quais os corpos infantis e os dos/as professoras/as prestam devoção, respeito e imitação.



Gobbi (2015) também realiza pesquisas na Educação Infantil, nesse caso, contudo, analisa as visualidades produzidas pelas próprias crianças. A autora atualiza um tema investigado durante seu mestrado: a predileção cromática demonstrada pelas crianças já na Educação Infantil. No final do século XX, na dissertação *Lápis vermelho é de mulherzinha: Desenho infantil, relações de gênero e Educação Infantil* (1997), ela verificou que as crianças recorriam à cor vermelha como um marcador de feminilidade. Vinte anos depois, na coleta da pesquisa à qual aqui me refiro, Gobbi (2015) observa consideráveis mudanças nos desenhos das crianças, de modo que a cor vermelha pouco ou nada fora utilizada por elas. Outra cor se destacou na caracterização da feminilidade: o rosa.

Do montante de quase 90 desenhos infantis coletados, a autora examina que mais da metade deles se utiliza da cor rosa; e que, em todos os casos, essa não foi uma cor usada aleatoriamente como outra qualquer. Trata-se, segundo aponta, de uma cor feminilizante. E, no caso dos desenhos analisados, o rosa dá formas a personagens, acessórios e temas todos considerados femininos. Destaco um dos desenhos analisados, no qual uma criança utiliza apenas a três cores: amarelo, para o sol; azul, para o rosto dos homens; e rosa, para o rosto das mulheres – com isso, deixa indícios de que ela já se familiarizou com o uso que os projetos de masculinização e feminilização estabelecem para as cores. Segundo analisa Gobbi (2015), não há, nessa pesquisa, um desenho sequer que tenha se utilizado do rosa para representar cenas não integradas por personagens mulheres. Esse uso generificado das cores indica que há, nas escolas, nos Centro de Educação Infantil e na sociedade como um todo, uma espécie de imposição do rosa à feminilidade – associação que vai ensinando às meninas os lugares que elas precisam ocupar e aos meninos os lugares que eles precisam evitar.

As pesquisas de Borre (2010) evidenciam que o medo e o desprezo que os meninos sentem pela cor rosa não são exclusivos à Educação Infantil. Em diálogo com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental, a autora relata que, quando o grupo foi questionado sobre a diferença entre os cadernos “de menino” e “de menina”, um garoto respondeu, referindo-se a um caderno rosa: “A gente é menino, não é bichinha [...] Esse caderno é proibido para os meninos”. Um outro continuou: “A gente não é bicha [...]. É o fim da picada: meninos com coisa de menina é estranho, esquisito. As meninas usam aqueles cadernos porque os personagens são meninas e fazem coisas de meninas... Coisas rosas” (BORRE, 2010, p. 88). Em outra pesquisa, desenvolvida Borre, em coautoria com Martins (2017), dessa vez com alunos/as das séries finais do Ensino Fundamental, foi pedido aos/às participantes que tirassem fotos de suas rotinas fora da escola. Os meninos, de modo geral, fotografaram tro-



féus, brasões de time, carros e roupas associadas a marcas específicas. Quando um deles, porém, compartilhou as fotos de sua coleção de pelúcia, causou riso entre os demais; e, para se defender, precisou inventar que a coleção era de sua irmã, não dele.

Ao perceber que os colegas estavam rindo de sua preferência, Heitor entendeu que não deveria apreciar tais artefatos (pelo menos na frente da turma) porque eles tinham relação com o universo feminino. Bichinhos de pelúcia, principalmente na cor rosa, não combinam com meninos (BORRE; MARTINS, 2017, p. 83).

Antes de seguir, preciso mencionar que, nos espaços educativos, a implementação de projetos de masculinização dos meninos e de feminilização das meninas não é feita apenas pelos sujeitos infantis. A divisão binária e generificada entre azul e rosa, assumida e, inclusive, defendida pelas crianças, como demonstram os exemplos, não se trata de uma “invenção” delas. São, pois, variações e adaptações daquilo que, antes, fora-lhes ensinado pelos/as adultos/as, dentre eles/as, os/as próprios/as professores/as. Os painéis decorativos, os cartazes, as filas “de meninos” e filas “de meninas”, as anotações nas agendas e outros artefatos da cultura visual oferecem indícios de que, conforme aponta Cunha (2010, p. 14), “[...] a escola ‘segue’, sem se dar conta, o que culturalmente se convencionou atribuir aos territórios do feminino e do masculino” (CUNHA, 2010, p. 14). As anotações de Guizzo (2013), em observação às dinâmicas realizadas na Educação Infantil, exemplificam a inferência de Cunha (2010). Dentre as situações registradas, destacamos três: uma mãe repreendendo o filho quando ele escolheu brincar no “cantinho da cozinha”, advertindo-o de que aqueles brinquedos eram “de menina”; um orientador pedagógico reprovando publicamente a conversa entre dois meninos, nomeando um deles como “fofoqueiro” e afirmando que “nem as meninas estão fazendo fofoca... assim tu me envergonha, envergonha a nós, homens”; e, por fim, uma professora que, para chamar atenção de dois meninos que corriam, exclamou, diante da turma “quem sabe tu para de correr atrás de homem desse jeito? Ainda se fosse atrás de uma menina”.

Longe de esse ser um saber sobre as infâncias exclusivamente compartilhado pelas instituições brasileiras, pesquisas advindas de outros contextos mostram certa homogeneidade no uso generificado das cores. A espanhola Marina Subirats (2013), por exemplo, em observações realizadas em escolas na Espanha, verificou que, para além dos conteúdos afetos à matemática, à geografia e à história, os/as professores/as também ensinam aos/às alunos/as sobre como assumir comportamentos e preferências “adequados” ao gênero que lhes fora atribuído. Quando examinou as interações que as/os professores/as oportunizavam às crianças da Educação Infantil, registrou que as palavras acionadas pelos/as adultos/as para se comunicar com os meninos eram distintas das usadas para se comunicar com as meninas. Para eles, recorriam-se ao aumentativo – *grandote* e *machote*; para elas, ao diminu-



tivo – *pequēnita*, *pelotita* e *muñequita*. Houve distinção também nos elogios: o adjetivo mais utilizado para os meninos foi *pequēño* (32 vezes) e para as meninas, *guapa* (63 vezes). No que diz respeito às cores, Subirats (2013) registrou 133 menções à palavra azul, sendo 120 delas nos diálogos entre professores/as e meninos e 13 entre professores/as e meninas. A palavra apareceu apenas em seis ocasiões, e em nenhuma delas envolvendo meninos.

O congolês JJ Bola (2020) caracteriza a escola como um espaço onde predomina a cultura da masculinidade tóxica, exemplificando que, nesses espaços educativos, os meninos são incentivados a brigar e a lutar, como gesto de amizade entre eles, e também como uma possibilidade de treinarem as habilidades de força e coragem que precisarão utilizar em um mundo em que a masculinidade é medida por tais parâmetros.

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2017) relata sobre quando, numa loja infantil, desobedeceu às convenções e avançou na seção de roupas “de meninos” e comprou, dali, uma camiseta azul vibrante para sua filha. “A moça do caixa me disse que era o presente ideal para um garotinho. Falei que era para uma menininha. Ela fez uma cara horrorizada: ‘Azul para uma menina?’” (ADICHIE, 2017, p.23-24).

A estadunidense Jo Paoletti (2012) denomina como *pinkfication* o processo emergente nos Estados Unidos, no final do século XX, a partir do qual a cor rosa foi adotada por pais e mães para indicar, desde muito cedo, o gênero feminino de suas filhas. A partir de 1988, para além das roupas rosa, pais e mães passaram a recorrer a laços, fitas, presilhas e outros acessórios capilares para adornar suas filhas - mesmo que elas ainda não tivessem cabelos – indicando à comunidade, de modo inequívoco, que elas eram meninas. “O rosa, certamente, sinalizaria que a pequena criança no carrinho de bebê era uma garota” (PAOLETTI, 2012, p. 115, *tradução minha*).

As participações que adultos/as conferem a essas situações - e em especial aqueles/as como professores/as, pais e mães e pedagogos/as que interferem diretamente na educação das crianças - mostram que não são apenas os meninos e meninas que são ensinados/as a partir das lógicas dos projetos de masculinização e feminilização. Suponho que, quando crianças, esses/as e outros/as adultos/as também tenham sido alvos de tais projetos. Suponho, ainda, que, se meninos que temem ser identificados como mulheres e como homossexuais fogem da cor rosa, repudiando-a, também o façam os homens adultos que temem ter as suas masculinidades e sexualidades colocadas sob suspeita. “Do lado masculino, muitos homens na vida adulta, evitam usar a cor rosa com medo de comprometer a imagem viril.” (PASSARELLI, 2018, p. 17). Por que, afinal, meninos e homens têm medo do rosa? No próximo tópico, ofereço algumas respostas a essa pergunta.



## Se meninos não usam rosa, homens tampouco: homofobia e cultura visual

Neste tópico, relaciono os estigmas que hoje o rosa confere às masculinidades de homens e meninos em espaços escolares, domésticos, públicos, de lazer e imagéticos à iconografia dos campos de concentração nazista, pensada e desenvolvida durante a primeira metade do século XX, segundo a qual, os sujeitos considerados “inferiores” e “sub-humanos” foram identificados.

Antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, a homossexualidade era criminalizada em diversos países. Na Alemanha, especificamente, desde 1871, vigorava uma lei que proibia o sexo entre homens, conhecida como Parágrafo 175. Esta estabelecia que: “Um homem que cometa atos indecentes e lascivos com outro homem, ou se permita ser abusado por atos indecentes e lascivos, deve ser punido com a prisão”. Apesar disso, como explica o canadense Ken Setterington (2018), na virada para o século XX, antes do nazismo, essa lei era pouco aplicada na Alemanha. Quando homens e mulheres não heterossexuais eram abordados/as, era mais comum que eles/as recebessem advertências verbais e que multas fossem aplicadas do que a sentença de prisão. A flexibilidade e tolerância a essa lei, inclusive, conforme o autor, fizeram com que Berlim fosse reconhecida como um destino desejado para sujeitos não heterossexuais de outros países. Havia, na cidade, bares, festas e vida noturna específicos para homens e mulheres não heterossexuais e iniciativas<sup>5</sup> para abolir o Parágrafo 175. Como é mostrado no documentário *Cabaré Eldorado: O Alvo dos Nazistas* (2023), havia, na Berlim da década 1920, um cenário de prosperidade para as existências não heterossexuais. O clube noturno El Dorado era, como apresentado pelo documentário, foi um dos espaços de acolhimento àqueles/as que assumiam e celebravam divergências às normas de gênero e de sexualidade e, com a emergência do nazismo alemão, passou a ser alvo estratégico de ataques. Em decorrência dessa perseguição, muitos/as dos/as funcionários/as e frequentadores/as do El Dorado foram acuados/as, agredidos/as e assassinados/as<sup>6</sup>.

---

5 O autor menciona que, nos últimos anos do século XIX, houve o recolhimento de cerca de 5 mil assinaturas para a abolição completa do Parágrafo 175, dentre elas, a do cientista alemão Albert Einstein (1879-1955).

6 O casal de mulheres transgênero, Charlotte Charlaque (1892-1963) e Toni Ebel (1881-1961), foi separado, sendo, a primeira deportada para os Estados Unidos da América - EUA. O Dr. Magnus Hirschfeld (1868-1935), homossexual sexólogo, responsável pelas primeiras cirurgias de redesignação sexual, foi perseguido. Em 1933, o Instituto para o Estudo da Sexualidade, fundado por ele e cuja biblioteca e museu apresentavam estudos pioneiros sobre gênero e sexualidade, foi invadido e destruído. As pesquisas e livros foram queimados e muitos/as dos/as funcionários/as e pacientes foram presos/as e levados para campos de concentração. Por estar em viagem acadêmica nos EUA, o Dr. Hirschfeld escapou do ataque (AODISSEIA, 2023).



Com a visibilidade conferida ao ditador alemão Adolf Hitler (1889-1945) a partir da década de 1930, a ideia de alcançar a raça ariana, supostamente “superior” ganhou adesão entre a população. Logo, aqueles/as que pertenciam a grupos marginalizados, considerados biologicamente “inferiores” (como judeus e judias, ciganos/as, Testemunhas de Jeová, polacos e outros povos eslavos, e homens e mulheres<sup>7</sup> não heterossexuais) foram perseguidos/as, torturados/as e mortos/as. Os homens gays não foram mortos em câmaras de gás como os judeus e judias. Foram assassinados em torturas, em experimentos médicos que tentavam “descobrir” a “cura”<sup>8</sup> gay e, sobretudo, em decorrência do trabalho em pedreiras, minas e fábricas. Em alguns campos de concentração, como explica o autor e como é mostrado no documentário, os homens gays não tinham nem permissão para falar com os outros prisioneiros/as, “[...] se fossem flagrados a menos de 5 metros de distância dos outros alojamentos, a punição era de 15 a 20 chicotadas brutais” (SETTERINGTON, 2018, p. 72).

A perseguição e a identificação dos homens gays se deram, primeiro, por uma lista chamada de “lista rosa”, contendo nome de homossexuais alemães; os quais, após abordados, eram torturados para que revelassem outros nomes. Em 1938, 8.562 homens gays foram presos (SETTERINGTON, 2018; A ODISSEIA, 2023). A associação entre a cor rosa e a homossexualidade aparece, no sistema iconográfico nazista, de modo ainda mais enfático, em um segundo elemento: o triângulo rosa. Nas palavras de Passarelli (2018, p. 24), esse sistema iconográfico “[...] era indicativo de segregação e usava cores para identificar grupos. Um triângulo rosa era usado para identificar homens homossexuais” (PASSARELLI, 2018, p. 24). Semelhantemente, Settingerton (2018, p.39) explica que o triângulo rosa sinalizaria a “[...] ‘bicha’ para todos os outros prisioneiros”.

Conforme Settingerton (2018, p. 59) “Por que o rosa foi usado para [identificar] os homossexuais continua sendo um mistério. Poderia ser porque o rosa era considerado uma cor feminina, mais ainda do que é hoje, e seria humilhante para um homem usá-la”. O estigma conferido aos homens gays nessa época fora tão intenso que, mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, eles ainda eram perseguidos e presos. O Parágrafo 175 continuou ativo até 1968 na Alemanha Oriental e até 1969, na Alemanha Ocidental. Enquanto os/as demais grupos perseguidos pelo nazismo foram, nos anos seguintes, reconhecidos como vítimas, homenageados/as e suas famílias receberam in-

---

<sup>7</sup> Ainda que as mulheres lésbicas fossem advertidas e censuradas pelo regime nazista, não eram presas e levadas para os campos de concentração (SETTERINGTON, 2018).

<sup>8</sup> A alguns homens gays foi ofertada a possibilidade de castração; e outros foram levados a bordeis, onde eram obrigados a fazer sexo com mulheres como alternativa para a “cura” gay (SETTERINGTON, 2018).



denizações pelas perdas sofridas, os homens gays continuaram sendo visto como criminosos. A primeira placa de reconhecimento ao sofrimento de homens gays veio só depois de quarenta anos do término da Segunda Guerra Mundial, e foi só em 2001 que o governo alemão reconheceu os gays como vítimas do nazismo (SETTERINGTON, 2018; ELDORDADO, 2023).

O estigma que a cor rosa causou à homossexualidade e as ameaças e o medo que a existência de homens gays provocam à noção de masculinidade hegemônica e heterossexual, em certa medida, explicam os motivos pelos quais, ainda hoje, em alguns grupos, o uso do rosa é considerado pejorativo e inadequado entre meninos e homens. Guardadas as exceções, na atualidade, é bastante improvável que alguém se mostre explicitamente adepto aos princípios nazistas alemães e que não reconheça a violência e a injustiça que aquele governo totalitário cometeu contra grupos minoritários. Por outro lado, são bastante frequentes, ainda, os discursos públicos e em tom jocoso elaborados por homens adultos que insistem em realizar uma associação duplamente negativa, primeiro, vinculando o rosa à homossexualidade, e depois e mais grave, vinculando a homossexualidade à abjeção – como se, diferente da heterossexualidade, essa fosse uma sexualidade “invalidada” ou “incorreta”.

Em 2011, eram 76 os países que criminalizavam o sexo entre pessoas do mesmo gênero e, em pelo menos cinco deles<sup>9</sup>, a sentença poderia resultar em morte (SETTERINGTON, 2018). Em 2022 o mundo pôde assistir, de suas casas, a política e as tradições opressivas do Catar, país que sediou a Copa do Mundo da FIFA de futebol masculino, e onde a homossexualidade é criminalizada. Para além dessas proibições, assistimos outras, feitas, por exemplo, pela FIFA, quando ameaçou punir com cartão amarelo os jogadores que desobedecessem a advertência de não usar braçadeiras em apoio às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis e outras – LGBTs<sup>10</sup>. Apesar disso, houve resistência. São exemplos disso o ato do italiano Mario Ferri que invadiu o gramado durante a partida entre Portugal e Uruguai, exibindo a bandeira símbolo da comunidade LGBT e uma camiseta em apoio às mulheres ucranianas (UOL, 2022), e a foto oficial do time da Alemanha, na qual os 11 atletas titulares posaram, tapando as bocas, em denúncia da censura feita pela FIFA na proibição do uso das braçadeiras (VEJA, 2022).

<sup>9</sup> Irã, Mauritânia, Arábia Saudita, Sudão e Iêmen.

<sup>10</sup> A braçadeira trazia a expressão *One Love* e as cores do arco íris, símbolo da comunidade LGBT.



Figura 1 – Registros da Copa do Mundo da FIFA, 2022



Fonte: CNB (2022) e Veja (2022), respectivamente.

Considero grave e preocupante que, apesar dessa luta, ainda existam, discursos que associem o rosa à homossexualidade e a homossexualidade ao repudiável, sendo, muitos deles, inclusive incitados por líderes políticos, quem, ao invés disso, poderiam estar comprometidos/as com a promoção do respeito à diversidade e com o atendimento à Lei nº 7.716/89 (BRASIL, 1989)<sup>11</sup> – a qual define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Nesse caso, infelizmente, discordo da estimativa feita por Heller (2013) de que, no século XXI, o uso generificado das cores está caindo em desuso. Situações como essas, em que homens adultos, líderes políticos se divertem a partir daquilo que aqui denominei como associação duplamente negativa, chocam-se com a inferência da autora de que “Hoje em dia, as cores para bebês definidas pelo sexo da criança já começam a ser consideradas uma coisa ultrapassada” (HELLER, 2013, p. 402). Como exemplo, menciono três acontecimentos relativamente recentes, quando uma das maiores autoridades brasileiras contemporâneas à época, Jair Bolsonaro (1955--), contribuiu para essa associação duplamente negativa.

Primeiro, em 2019, em uma cerimônia que comemorava 200 dias de sua posse na Presidência do país, Bolsonaro se aproximou de um senador e, percebendo sua gravata na cor rosa, disse: “Apesar da gravata cor-de-rosa, eu gosto dele. É meu amigo” (OBSERVATÓRIO G, 2021). Um ano depois, o comentário se repetiu, dessa vez, em esfera internacional. Durante a reunião do G20, quando o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (1946--), usava uma gravata rosa e o brasileiro, uma azul-escura, Bolsonaro perguntou para ele se, na loja onde a gravata foi comprada, também havia artigos “para homem” (FÓRUM, 2020). A terceira expressão da associação duplamente negativa também

<sup>11</sup> Ainda que discriminação por “identidade de gênero” e “orientação sexual” não integrem a redação da lei, junto à “raça”, à “cor”, à “etnia”, à “religião” e à “procedência nacional”, em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal determinou que homofobia e transfobia sejam contempladas por ela, sendo violências contra grupos minoritários.





ocorreu em 2020, em viagem a São Luís. Quando consumiu um refrigerante de guaraná na cor rosa, popular entre os/as maranhenses, Bolsonaro expressou: “Guaraná rosa do Maranhão. Fudeu, fudeu... é boiologem isso aí” e “Agora eu virei boiola. Igual maranhense, é isso?” (CORREIO 24 HORAS, 2020).

Ainda que esses e outros comentários do ex-presidente tenham provocado risos entre alguns tantos outros sujeitos que acompanhavam os eventos (em sua maioria homens, adultos, brancos, cristãos, heterossexuais e provavelmente que se intitulam como “cidadãos de bem”), para mim, tais enunciações posicionam as pessoas não heterossexuais, em especial, nesses casos, os homens gays, num patamar ridículo e de abjeção.

Se, nesses três casos, o “humor” e a “não intenção de ofender” tentam dissimular o teor homofóbico dos comentários, em outros, o ex-presidente não deixa dúvidas quanto àquilo que ele e muitos/as de seus/suas apoiadores/as pensam sobre quem não se identifica como heterossexual. Em 2002, quando era deputado, ele zombou de uma foto em que o presidente do Brasil à época, Fernando Henrique Cardoso (1931--), estava segurando uma bandeira com as cores do arco-íris. Bolsonaro escreveu sobre a imagem: “Eu já sabia...” e a fixou na porta de seu gabinete. Questionado sobre o teor homofóbico da frase, ele respondeu: “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater” (FOLHA DE S.PAULO, 2002) . Em 2011, recomendou que os hospitais separassem os sangues de gays para as transfusões, explicando que “O sangue de um homossexual pode contaminar o sangue de um heterossexual” (LADO A, 2016). Nesse mesmo ano, em entrevista a uma revista direcionada a homens heterossexuais, disse que seria incapaz de amar um filho gay, afirmando: “Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim, ele vai ter morrido mesmo” (TERRA, 2011).

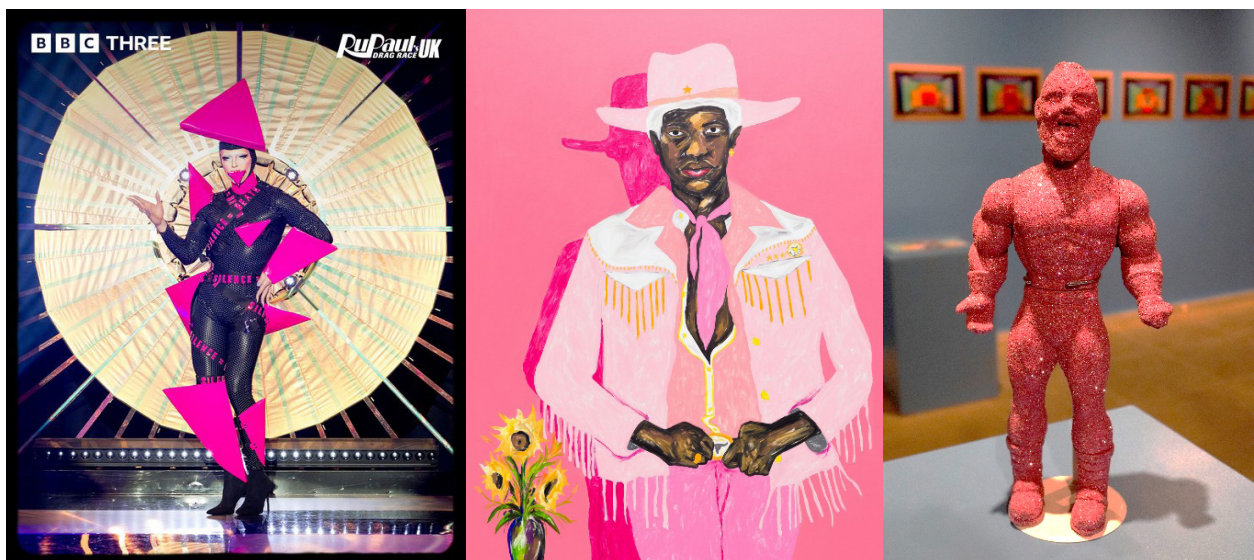
## **Considerações Finais**

A argumentação desenvolvida neste artigo me leva a considerar que, mais do que qualquer uma das cores ou mesmo de outros elementos visuais, a cor rosa parece deter uma espécie de “feitiço feminilizante” tão intenso, de modo que é simplesmente desconsiderada como uma opção para e entre meninos e homens. Como argumento em outro trabalho, a cor rosa é evitada, inclusive, na caracterização e identificação de produtos destinados a cachorros, gatos e outros animais machos – os quais, por não serem humano, nem gênero têm (BALISCEI, 2021).



Por outro lado, tem sido recorrente também que as masculinidades não heterossexuais e não cisgênero se utilizem da cor rosa de maneira a positivá-la. A cor rosa na bandeira do arco-íris (que representa os homens gays), o *The Pink Pages* (um catálogo de empresas canadenses), o *Pink TV* (um canal francês), o *Pink News* (um noticiário britânico) e o *Pink Money* dão ênfase às especificidades dos estilos de vida de pessoas LGBTQs. Ademais, desde o campo artístico, há significativos investimentos e reapropriações dessa cor, associando-a às histórias e lutas da comunidade de modo transgressor e político. A *performance* de Cheddar Gorgeous, a *drag queen* interpretada pelo artista inglês Michael Atkins (1984--), quem, na quarta temporada de *RuPaul's Drag Race UK*, recorreu à cor rosa e ao triângulo invertido para visibilizar os estigmas associados à pessoas com HIV (GAY TIMES, 2022); as pinturas do artista brasileiro Zéh Palito (1986--), quem recorre ao rosa para representar homens pretos em trajes elegantes e em posturas confiantes (ART SOUL, 2022); e as intervenções artísticas que eu, enquanto artista, faço em artefatos endereçados às infâncias, são, todas, exemplos de ressignificações conferidas à cor que, historicamente, tem sido usada para zombar e desonrar homens que destoam da norma cisgênero e heterossexual (REVISTA DESIGN, 2022).

Figura 2 – Ressignificação artística da cor rosa



Fonte: Gay Time (2022), Art Soul (2022) e Revista Design (2022), respectivamente.

Nas considerações deste artigo - cujo objetivo é investigar as relações de gênero propostas aos meninos e meninas, em âmbitos educativos e escolares, a partir da cor rosa – debruço-me, em especial, sobre as questões pedagógicas intrínsecas à cor, entendendo a necessidade de questionar os saberes atribuídos a esse elemento cromático, a partir dos



pertencimentos e, sobretudo, das exclusões que tais saberes conferem às pessoas. As maneiras como a cor rosa é acionada ou rejeitada nos espaços escolares e educativos - seja por meio de provocações, abusos homofóbicos disfarçados de “brincadeiras” ou mesmo pela predileção exagerada (porém não natural) que as meninas manifestam por essa cor - guardam estreitas relações com o projeto de masculinização dos meninos, e se mostram cúmplices a ele no que diz respeito à legitimação de uma única forma de viver e expressar as masculinidades.

“Quem tem medo do rosa?”. A resposta mais direta a essa pergunta apresentada desde o título desta discussão é “os homens”. No entanto, é preciso acrescentar que mulheres (por exemplo, mães, avós, tias e, em especial para este debate, professoras e pedagogas) também demonstram certa insegurança, temor e resistência em aproximar essa cor dos corpos masculinos. Arrisco escrever, ainda, que esse medo é tão exacerbado que se manifesta concomitantemente a certo desconhecimento, já que esses sujeitos supõem que, se usassem rosa, os meninos poderiam “desenvolver” alguma dissidência à norma heterossexual. É necessário, portanto, questionar os saberes produzidos em associação aos significados atribuídos às cores e, sobretudo, aqueles que usam desse elemento cromático para produzir gênero.

Mas, afinal, por que se tem medo do rosa? Responder a essa pergunta talvez seja mais complexo. Como tenho argumentado, os/as adeptos/as do projeto de masculinização dos meninos temem que os homens e meninos sejam feminilizados caso manifestem predileção ou mesmo se aproximem da cor rosa e, mais ainda, temem que eles possam se tornar homossexuais. O medo da homossexualidade, assim, manifesta-se não apenas de modo explícito – como no assassinato, na violência física, na agressão e na invisibilidade e estigmatização dessa identidade nos currículos e discursos escolares e nas políticas públicas contemporâneas, como demonstrei recentemente em outro estudo (BALISCEI E MOCHI, 2022) – mas, também, na escolha que adultos/as fazem por indicar, às crianças, brinquedos, elogios e cores baseadas na identidade de gênero delas. Supõem-se, equivocadamente, que se o menino vestir azul, brincar com jogos de luta e auxiliar o pai no conserto do carro, e se a menina vestir rosa, brincar com jogos de cuidado e auxiliar a mãe no preparo das refeições, certamente, ele e ela não se desviarão das normas de gênero e de sexualidade estabelecidas pela heteronormatividade.

Com isso, não pretendo responsabilizar os sujeitos, individualmente, taxando-os como homofóbicos. Contudo, para mim, quando, nas escolas, professores/as entregam às crianças papéis e tintas azuis e rosas, separando-as por gênero; quando repreendem um



menino por pintar os lábios e bochechas imitando maquiagem, ou uma menina por correr e suar excessivamente; ou mesmo quando separam o grupo, por gênero, induzindo parte das crianças a gostar de futebol e outra a gostar de ginástica, estão naturalizando práticas com características homofóbicas e, mais do que isso, ensinando às crianças a reproduzi-las e a pôr em xeque a autenticidade da existência de quem delas se destoa. Sendo a escola uma instituição comprometida com a educação das crianças, com o desenvolvimento de suas habilidades e com a oferta de experiências diversas, capazes de proporcionar aos meninos e meninas conhecimentos e felicidades, considero que os/as profissionais que ali atuam, poderiam refletir sobre as justificativas – e mais ainda – sobre as implicações de dividirem tudo e todos/as entre azul e rosa.

## Referências

A ODISSÉIA. **Cabaré Eldorado: Alvo dos Nazistas | A história por trás do novo documentário da Netflix**. 2023. Disponível em: <https://aodisseia.com/cabare-eldorado-alvo-dos-nazistas-documentario/>. Acesso em 12/07/2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ART SOUL. **Exposição “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”**. 2022. Disponível em: <<https://artsoul.com.br/revista/eventos/exposicao-eu-sei-por-que-o-passaro-canta-na-gaiola-zeh-palito>>. Acesso em 05 dez. 2022.

BALISCEI, João Paulo. **PROVOQUE: Cultura Visual, masculinidades e ensino de Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Editoria Metanoia, 2020a.

BALISCEI, João Paulo Baliscei. Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, 2020b, p. 223-244.

BALISCEI, João Paulo. **Não se nasce azul ou rosa: Cultura Visual, Gênero e Infâncias**. Salvador: Editora Devires, 2021.

BALISCEI, João Paulo; MOCHI, Luciene Celina Cristina. A palavra dentro dos parênteses - o lugar do não-heterossexual na Base Nacional Comum Curricular: Educação, gênero e famílias. **Revista Educação & Linguagens**, Campo Mourão, v. 11, n. 21, jan./jun. 2022, p.216-240.

BEM PARANÁ. **Athletico Paranaense lança camisa na cor rosa**. Confira o preço. 2020. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/athletico-paranaense-lanca-camisa-na-cor-rosa.-confira-o-preco#.YIIJf5BKjIU>. Acesso em: 02/05/2022.

BOLA, JJ. **Seja Homem: A masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.



BORRE, Luciana. **As imagens que invadem as salas de aula: reflexões sobre cultura visual**. São Paulo, SP: Ideias & Letras, 2010.

BORRE, Luciana; MARTINS, Raimundo. **Cultura Visual tramando gênero e sexualidades nas escolas**. Recife: Editora UFPE, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília. 2018.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União: Brasília, DF. 1989.

CORREIO 24 HORAS. **Alvo de piada homofóbica de Bolsonaro, Guaraná Jesus foi criado por ateu e comunista**. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/alvo-de-piada-homofobica-de-bolsonaro-guarana-jesus-foi-criado-por-ateu-e-comunista/>. Acesso em: 02/05/2022.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Menin@s nas tramas da cultura visual. In: BUSSOLETTI, Denise; MEIRA, Mirela (org.). **Infâncias em passagens**. Pelotas, RS: Editora e Gráfica Universitária da UFPel. 2010, p.55-78.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Representações visuais de meninos e meninas: Relações entre imaginário e gênero**. (Relatório de pesquisa). 2011.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Imagens na Educação Infantil como Pedagogias Culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Pedagogias culturais**. Santa Maria: Ed. Da UFSM. 2014, p. 199-224.

ESTADO DE MINAS. **O tabu da camisa 24 na Copa São Paulo Júnior**. 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/04/20/noticia-diversidade,1484019/o-tabu-da-camisa-24-na-copa-sao-paulo-junior.shtml>. Acesso em: 12/07/2023.

FOLHA DE S.PAULO. **Apoio de FHC à união gay causa protestos**. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200210.htm>. Acesso em: 02/05/2022.

FÓRUM. **Bolsonaro perguntou a Trump, de gravata rosa, se a loja não tinha “também para homem”, afirma jornalista**. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/bolsonaro-perguntou-a-trump-de-gravata-rosa-se-a-loja-nao-tinha-tambem-para-homem-afirma-jornalista/>. Acesso em: 02/05/2022.

G1. **Câmara do Rio repudia atitude de vereador que se recusou a votar por ser o número 24 na chamada**. 2021 Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/06/camara-do-rio-repudia-atitude-de-vereador-que-se-recusou-a-votar-por-ser-o-numero-24-na-chamada.ghtml>. Acesso em: 02/05/2022.

GAY TIMES. **Cheddar Gorgeous auctions iconic Drag Race UK runway for HIV/AIDS charities**. 2022. Disponível em: <https://www.gaytimes.co.uk/life/cheddar-gorgeous-auctions-iconic-drag-race-uk-runway-for-hiv-aids-charities/>. Acesso em 05 dez. 2022.



GLOBO. **Inter confirma uso da camisa rosa contra o Vasco e discute um novo lote com fornecedora.** 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/inter-confirma-uso-da-camisa-rosa-contr-o-vasco-e-discute-um-novo-lote-com-fornecedora.ghtml>. Acesso em: 02/05/2022.

GOBBI, Marcia. Lápis vermelho é de mulherzinha: vinte anos depois. In: FINCO, Daniela, GOBBI, Marcia; FARIA, Ana Lúcia Goulard de (org.). **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora.** Campinas, SP: Edições Leitura Crítica. 2015, p. 137-162.

GUIZZO, Bianca Salazar. Masculinidades e feminilidades em construção na Educação Infantil. In: FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; QUESADA, Dinah (org.). **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação.** Canoas, RS: Ed. ULBRA. 2013, p.29-44.

HELLER, Eva. **Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão.** São Paulo, SP: Gustavo Gili. 2013.

HOJE EM DIA. **Goleiros da URT vão usar camisa rosa, em ação de denúncia à violência contra a mulher.** 2021. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/goleiros-da-urt-v%C3%A3o-usar-camisa-rosa-em-a%C3%A7%C3%A3o-de-den%C3%Aancia-%C3%A0-viol%C3%Aancia-contr-a-mulher-1.826606>. Acesso em: 02/05/2022.

HYPENESS. **‘Você sabe o que é bicha?’, pergunta Silvio Santos e Maisa explica com toda calma.** 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/01/voce-sabe-o-que-e-bicha-pergunta-silvio-santos-e-maisa-explica-com-toda-calma/>. Acesso em: 02/05/2022.

JÚNIOR, Kléber Neves Marques. **Masculinidades Bicha: Trajetórias escolares das bichas no Ensino Médio.** (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2022.

KIMMEL, Michael. Homofobia, temor, vergenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRÍA, José (org.). **Masculinidad/es.** Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres. 1997, p. 49-62.

LADO A. **100 frases homofóbicas de Jair Bolsonaro. 2016.** Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 02/05/2022.

MIGALHAS. **Grupo de apoio à causa LGBTQI+ processa Flamengo por homofobia.** 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/381617/grupo-de-apoio-a-causa-lgbtqi-processa-flamengo-por-homofobia>. Acesso em 12/07/2023.

OBSERVATÓRIO G. **“Apesar da gravata cor de rosa é meu amigo”, diz Bolsonaro sobre senador.** 2020. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/apesar-da-gravata-cor-de-rosa-e-meu-amigo-diz-bolsonaro-sobre-senador>. Acesso em: 02/05/2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** Salvador, BA: Editora Devires. 2020.



PAOLETTI, Jo. **Pink and Blue: telling the boys from the girls in America**. Bloomington: Indiana University Press. 2012.

PASSARELLI, Ana Paula. **O gênero na propaganda de moda brasileira analisada a partir dos elementos de design do vestuário**. (Dissertação de Mestrado). Pós-graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2018.

PORTAL T5. **Maisa encontra menino que escolheu balão rosa no ‘Bom Dia & Cia’ e pede desculpas: “Rosa, João?”**. 2019. Disponível em: <https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/maisa-encontra-menino-que-escolheu-balao-rosa-no-bom-dia-cia-e-pede-desculpas-rosa-joao/>. Acesso em: 02/05/2022.

REVISTA DESIGN. **Exposição de arte com temática queer abre para visitação gratuita em Belém**. 2022. Disponível em: <https://revistadesign.com/exposicao-de-arte-com-tematica-queer-abre-para-visitacao-gratuita-na-galeria-benedito-nunes-em-belem/>. Acesso em 05 dez. 2022.

SETTINGINGTON, Ken. **Marcados pelo triângulo rosa**. São Paulo, SP: Melhoramentos Livrarias. 2018.

SUBIRATS, Marina. **Forjar um hombre, modelar uma mujer**. Barcelona: Arestas. 2013.

TERRA. **Bolsonaro: “prefiro filho morto em acidente a um homossexual”**. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 02/05/2022.

UOL. **Homem que invadiu Super Bowl diz que ganhou R\$ 2 milhões com aposta**. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol-americano/ultimas-noticias/2021/02/10/homem-invasao-super-bowl-aposta.htm>. Acesso em: 02/05/2022.

UOL. **Homem que invadiu Portugal x Uruguai fez o mesmo na Copa de 2014, no Brasil**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/28/mario-ferri-invasor-portugal-uruguai-copa-do-mundo.htm>. Acesso em 05 dez. 2022.

VEJA. **Alemanha faz protesto por veto a braçadeira arco-íris; Neuer esconde item**. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/alemanha-faz-protesto-por-veto-a-bracadeira-arco-iris-neuer-esconde-item/>. Acesso em 05 dez. 2022.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 15/01/2024